

## Jazz Band

João foi trabalhar na casa da família Dasin, franceses que haviam vindo implantar uma indústria e se tinham acostumado de tal forma à cidade que decidiram por nela permanecer, em definitivo. Acompanhava João e permanecia na casa, com o consentimento dos bretões, seu pequeno Ivo, que se constituía em companhia para Allain, o filho único dos Dasins, com a mesma idade que Ivo.

A situação funcional e pessoal de João e o arranjo para seu filho não era incomum naqueles tempos. Casos semelhantes deram origem a muitas histórias felizes, outras nem tanto, que acabaram com a descoberta de que os agregados às famílias não eram filhos de criação, como apregoado, mas empregados domésticos mal remunerados.

Ivo foi matriculado junto com Allain na escola privada, de irmãos Lassalistas. João ouviu o patrão conversando com *madame* Dasin, quando disse algo que o impressionou sobremodo. Falou, o francês, numa referência à iniciativa de colocar o menino-filho do empregado a estudar junto com o seu: “Aquele que come sozinho morre sozinho”. João ficou tocado com o dito, especialmente porque algo lhe dizia já haver antes ouvido coisa semelhante, da boca de seus antigos.

Pequenos dissabores engendrados por outros meninos com brincadeiras preconceituosas ao longo dos anos da escola primária e, menos, mas ainda presentes, no ginásio, foram compensadas pelo ambiente liberal que desfrutava na *maison* dos Dasins.

Allain complementava seu currículo escolar com aulas de música. Ia se tornando um virtuose na execução de violino. Era impulsionado por vocação estimulada por sua mãe, ela soprano e pianista familiar, conhecedora e amante da música, mesmo a popular. E por esse viés, estimulou o pendor de Ivo para o contrabaixo, comprando-lhe esse instrumento e deixando que sua curiosidade musical ultrapassasse o tocar de ouvido, aprendendo a leitura de partituras.

Foram muitos os anos em que as paredes da sala de estar dos franceses reverberaram os sons do violino, do baixo e do piano, num empolgado trio, capaz de emocionar com concertos de Haydn, da preferência de *monsieur* Dasin.

Bem no fim dos anos 1910, Jules Dasin, jovem habitante da charmosa Paris,

conheceu vários intelectuais negros norte-americanos que, ex-combatentes na Primeira Guerra Mundial, retornaram à Paris onde inexistia preconceito de cor; eram tratados com respeito e havia todo o espaço cultural de que necessitavam para mostrar suas habilidades nas letras, nas artes plásticas e na música. Tudo ao contrário do que ocorria nos Estados Unidos de pleno apartheid. No clube noturno *Le Grand Duc*, pioneiro na apresentação de jazz na Cidade Luz, Jules se apaixonou pelo ritmo um tanto selvagem de instrumentos vibrantes, que buscava ainda um idioma próprio para se expressar.

Quando Allain e Ivo chegaram à adolescência, eram dois músicos de qualidade e, ambos, perfeccionistas. O primeiro, aceitava com irretocável prazer os saraus promovidos por seus pais. Ivo, entretanto, começava a dar mostras da juventude em processo de contestação, o que descontentava a seu pai João, e começava preocupar aos franceses. Era algo incompreensível para todos, mas a Ivo desgostavam as exigências de indumentária e relacionamento formal imposto pelos serões musicais. Assim, com frequência cada vez mais embaraçosa, o trio se transformava num dueto, pela ausência do violoncelista.

Quem se desse ao trabalho de seguir Ivo, chegaria à Rua dos Chalés. E o encontraria, se não estivesse ensaiando, num canto com o contrabaixo que comprara com suas economias, a dedilhar freneticamente – o arco, usava-o só em casa – o imenso rabecão, em busca de variantes tidas como impossíveis. Ivo integrava um grupo de músicos que tocava sambas e músicas estrangeiras, estas na forma como os ouvidos do líder captara e trauteando passara aos companheiros.

Os sons que Ivo retirava de seu rabecão foram aos poucos chamando a atenção de um e outro músico, que passaram a fazer variações sobre as notas que saíam das mãos firmes do violoncelista. Essas notas eram a repetição da mesma base, executadas num sarau por certo convidado dos franceses, que desenvolveu no piano a música *Everybody Loves My Baby, But My Baby Don't Love Nobody But Me*, que se fixou em sua mente e ficava a ir e vir constantemente. Ivo lembrava da memorável reunião quando, enquanto as notas alegres e rápidas fluíam do piano, mentalmente buscava espaço entre elas para inserir variações com um imaginário rabecão.

Da amizade que se empenhou em estabelecer com o visitante, com sucesso,

resultou na chegada, meses adiante, pelo correio, de um pacote com partituras de jazz, a coqueluche dos bairros noturnos de Paris.

Dentre os músicos companheiros de Ivo apenas três sabiam ler partituras, os demais tocavam de ouvido. Esses três eram importantes no conjunto, com seus instrumentos de sopro. E eles começaram a pequena revolução que descambaria inclusive na mudança do nome da banda, pioneiramente lançando um semi-anglicismo: *Creole Jazz Band*, tomado emprestado a um conjunto que tocava num café da *Bourbon Street*, em Nova Orleães, cujo retrato ilustrava a capa de uma das partituras que recebeu.

Fazendo sucesso imediato nos bate-coxas do Mato e nos bailes das sociedades para negros e mulatos, a *Creole Jazz Band* tornou popular Ivo e seu desajeitado rabecão, que com o passar do tempo pareciam, um e outro, se integrarem por completo. A popularidade afastou-o em primeiro lugar do curso clássico, em andamento. Logo adiante, de Allain e da família dos franceses. Tornou-se músico por completo, e desprezava discussões sobre o futuro. O futuro era sua música, o jazz. O rabecão colado a seu corpo, como se fora a uma mulher, ficava a dedilhar firme nas cordas rijas, em busca de mais e mais variantes.